

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS PUÉRPERAS USUÁRIAS DO BANCO DE LEITE HUMANO

Tamyris da Silva Jardim¹; Hugo Ricardo Torres da Silva¹; Carina Scanoni Maia²; Ana Janaina Jeanine M. de Lemos-Jordão¹;

¹Universidade Federal de Campina Grande, tamyrisjardim@outlook.com, hugogorts@gmail.com,

²Docente e Orientadora Universidade de Pernambuco, carina.scanoni@gmail.com

RESUMO: O puerpério é uma fase da vida da mulher que abrange inúmeras mudanças psíquicas e biológicas, que podem culminar em maior facilidade de prejuízos à saúde mental. A realização da amamentação, é uma expectativa que geralmente acompanha a gestante e, quando se torna impossível por alguma razão, a mulher, na maioria das vezes experimenta sentimentos negativos que podem favorecer o desenvolvimento de quadros depressivos. Este trabalho tem como objetivo identificar os sentimentos manifestos em puérperas que são interdidas ao ato de amamentar, concatenando com informações disponíveis na literatura sobre o tema, facilitando a criação e aprimoramento de apoio à saúde psicológica destas mulheres. Trata-se de estudo descritivo, exploratório com abordagem quali-quantitativa. Tem-se como amostra 78 questionários que atenderam aos critérios de elegibilidade. Diante da impossibilidade a amamentação, os sentimentos declarados foram tristeza (69,23%); aborrecimento (11,54%); frustração (11,54%); desolamento (3,84%); ansiedade (2,56%); angústia (2,56%); medo (1,28%) e dor (1,28%). Apenas 12,8 % relataram não ser afetadas negativamente pela situação. 75,64% das participantes afirmaram se sentir culpadas pela situação. Cerca de 9% das entrevistadas afirmaram não ter disposição para realizar tarefas do dia a dia, o que é um forte indicativo de depressão pós parto. 100% das participantes negaram sentimento de rejeição em relação ao filho e afirmaram apoio da família. 85,9% das entrevistadas não realizam acompanhamento psicológico, destas, 19,4% gostariam de realizá-lo. Este trabalho fornece auxílio para desenvolvimento, por órgãos competentes, de cuidados e suporte sustentado à saúde mental das mulheres que, por algum motivo, não podem amamentar seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Amamentação; Sentimentos; Impossibilidade.

INTRODUÇÃO

O puerpério é sabidamente uma fase delicada da vida da mulher, pois é um período que abrange significativas mudanças biológicas e psíquicas que podem culminar em comprometimento do equilíbrio emocional, elevando o risco de a puérpera ser acometida por afecções psiquiátricas (ABUCHAIM, et al. 2016). Desde a gravidez, a mente da futura mãe é terreno de inúmeras expectativas quanto ao bebê, ao parto e à amamentação e, quando por algum motivo, alguma dessas expectativas é frustrada, há sofrimento psíquico desta mulher. No que diz respeito à amamentação, são diversos os fatores que impossibilitam sua realização, principalmente àqueles que se referem a saúde da mãe ou do bebê.

A amamentação é considerada a forma de nutrição mais adequada ao desenvolvimento saudável dos recém-nascidos. Além dos benefícios à saúde da criança, o ato de amamentar é, também, vivência única, compartilhada apenas pelo binômio mãe-filho. Através da amamentação há estreitamento do elo entre nutriz e lactente. A puérpera que amamenta se sente na maioria das vezes alentada pelo seu poder de continuar gerando a vida do seu bebê mesmo após o parto por meio de um nutriente produzido pelo seu próprio corpo (ANTUNES, ANTUNES, CORVINO & MAIA, 2008). Arelados ao sentimento de reconforto pelo oferecimento do leite materno ao bebê, as mulheres que desejam amamentar levam consigo o desejo de proteção do filho e de mãe-ideal, aquela que para a sociedade é a mulher que esquece de si mesma para dedicar-se somente ao seu bebê. (NEVES, MARIN, 2013).

Embora a amamentação seja ação natural, ela é condicionada por fatores sociais, pessoais e biológicos da puérpera e do bebê. Mesmo que a amamentação seja social e culturalmente aguardada, nem sempre ela é viável (ALMEIDA & NOVAK, 2004). Devido toda expectativa da mulher e da sociedade acerca amamentação, a mãe que é impossibilitada de amamentar experimenta, geralmente sentimentos negativos, como tristeza, frustração e culpa.

Além de da interdição ao aleitamento por condições supracitadas, um fator de elevada importância na não realização da amamentação é o nascimento pré-termo. Nesses casos, o recém-nascido geralmente precisa de cuidados especiais em unidades de terapia intensiva (UTI) ou em unidades de cuidados intermediários (UCI), logo a amamentação imediata é dificultada pela privação do contato espontâneo, o que irá limitar a convivência do bebê com a mãe. Somados a estes fatores, há ainda prejuízo do aleitamento materno pela angústia vivida pela mulher pelo estado de saúde do seu filho; pelo medo que a puérpera tem de manusear seu bebê e piorar sua condição clínica; pela rotina do ambiente hospitalar. (AMANDO, et al. 2016). Geralmente, todos os neonatos com exigência de cuidados mais complexos, são, em algum momento da internação receptores de Bancos de Leite Humanos, por toda a dificuldade de iniciar/continuar a amamentação nas situações supracitadas. Essas mulheres, apresentam risco significativamente elevado de desenvolver depressão, pois, além da frustração da não realização da amamentação, há também todos os sentimentos negativos que o ambiente hospitalar pode trazer para as suas vidas.

Em Campina Grande-PB, O Banco de Leite Humano Dr. Virgílio Brasileiro tem seu funcionamento regido pela RDC-ANVISA nº. DE 171, de 04 de setembro de 2006, que dispõe sobre o Regulamento Técnico para o

funcionamento de Bancos de Leite Humano e objetiva estabelecer os requisitos para instalação e funcionamento de Banco de Leite Humano (BLH). O leite humano disponível no BLH é destinado prioritariamente a bebês internados em UTI's e UCI's e somente é despachado mediante prescrição médica. O BLH fica localizado no Instituto Saúde Elpídio de Almeida (ISEA), a maternidade dispõe de uma casa de apoio a mãe, onde ficam hospedadas as mulheres com filhos internados no hospital.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a presença e prevalência de sentimentos negativos despertados nas mães impossibilitadas de amamentar, que tornam-se receptoras do BLH do ISEA a fim de, diante dos dados, estimular os profissionais de saúde a oferecer apoio psicológico às mães que não podem realizar a amamentação, bem como encorajá-las e auxiliar na resolução de problemas que impedem temporariamente o ato de amamentar.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo descritivo, exploratório com abordagem quali-quantitativa, realizado na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, na Maternidade ISEA - Instituto de Saúde Elpídio de Almeida, localizada na Rua Vila Nova da Rainha, 47 – Centro. A população foi composta por mulheres que, por motivos temporários ou definitivos, não podem amamentar e precisam recorrer Banco de Leite Dr. Virgílio Brasileiro, localizado no ISEA. As participantes da pesquisa respondem a um questionário semi-estruturado, aplicado no período de dezembro de 2017 a maio de 2018.

Foram incluídas na nossa amostra mães de filhos nascidos na Paraíba que não conseguiram amamentar e são usuárias do banco de leite do ISEA, de qualquer faixa etária, que concordaram em participar do estudo mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou Termo de Assentimento para menores de 18 anos e TCLE para os responsáveis pelas menores. Ademais foram subtraídas do estudo as participantes que se negaram a assinar o termo TCLE e as que não concordaram com os procedimentos adotados após esclarecimento completo e pormenorizados sobre a natureza da pesquisa. Assim sendo, esta amostra foi constituída por 78 integrantes que atenderam aos critérios expostos acima. Os dados quali-quantitativos serão analisados e comparados através da análise temática de conteúdo. Sendo transformado em gráficos e tabelas para uma melhor visualização e análise.

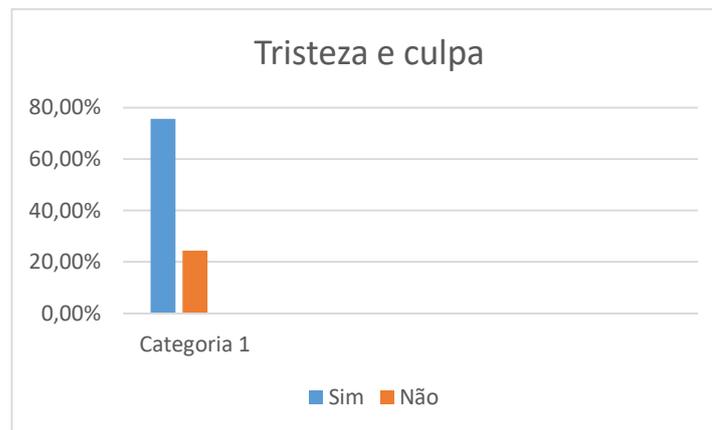
A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC e está de acordo com as normas e orientações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Houve garantia do sigilo que assegura a privacidade e o anonimato dos sujeitos quanto aos dados coletados para o estudo. Não há conflitos de interesse.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a metodologia utilizada, foram aplicados 78 questionários, na casa de apoio à mulher, sala de espera do Banco de Leite, UTI/ UCI e na enfermaria de alto risco, todos localizados no ISEA. A pergunta disparadora consistiu no questionamento sobre como as mulheres se sentiu diante da interdição à amamentação; esta, foi seguida de avaliações quantitativas sobre realização ou não de acompanhamento psicológico e o desejo de realizar psicoterapia; foi abordada a questão do apoio familiar à realização da amamentação; disposição para realizar atividades diárias; por último, foi questionada a presença de tristeza e sentimento de culpa pela impossibilidade da amamentação.

Sentimentos diante da impossibilidade à amamentação

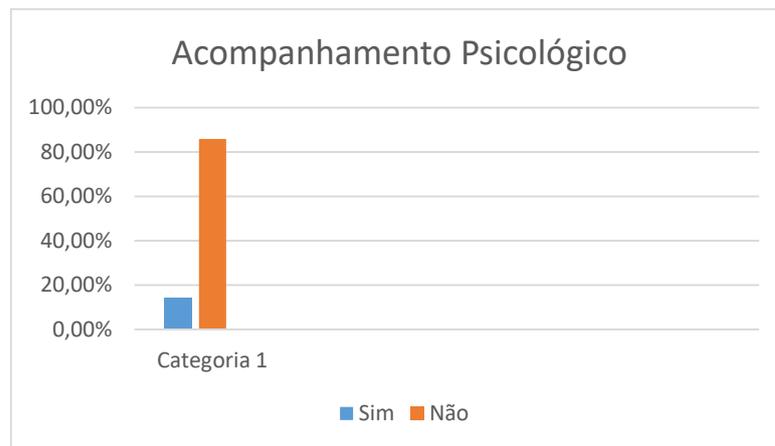
Quando abordadas em relação ao que sentiram diante da interdição à realização da amamentação, as puérperas responderam esta questão com palavras como: tristeza (69,23%); aborrecimento (11,54%); frustração (11,54%); desolamento (3,84%); ansiedade (2,56%); angústia (2,56%); medo (1,28%) e dor (1,28%). Apenas 12,8 % relataram não ser afetadas negativamente pela situação. Sobre a presença de tristeza e culpa, 3/4 das entrevistadas responderam que sim, pois queriam oferecer o melhor ao seu bebê e a amamentação seria o mais apropriado para que elas se sentissem como “mãe-ideal”. Cerca de 9% das entrevistadas afirmaram não terem disposição para realizar tarefas do dia a dia, o que é um forte indicativo de depressão pós parto. 100% das participantes negaram sentimento de rejeição em relação ao filho.



Dentre as incontáveis expectativas que a mulher cria desde quando descobre a gravidez, a amamentação é, sem dúvidas, uma das maiores, pois a mulher geralmente sabe que amamentar é uma forma eficaz de proteger a saúde do seu bebê. Quando essa expectativa é frustrada, traz, na maioria das vezes sentimento de impotência, culpa e tristeza, o que pode ser um forte gatilho para uma depressão pós parto (DPP). Paiva e Galvão (2004) afirmam que mulheres impossibilitadas de amamentar descrevem esta situação como “experiência dolorosa e de padecimento”, pois, como a amamentação faz parte do papel social e cultural construído para a mãe, as puérperas que não conseguem amamentar sentem-se como incapazes de exercer este ofício. A mulher que não amamenta está mais sujeita a vir sofrer de depressão pós parto. Para ABUCHAIM, et al. (2016), a DPP, traz prejuízos imediatos e prolongados na vida das mulheres e tem impacto negativo na relação mãe-filho, podendo culminar dano ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança.

AMANDO (2016) traz a premissa de que em grande parte das situações nas quais as expectativas da gestação são anuladas, a mulher encontra-se psicologicamente despreparada, o que gera inúmeros sentimentos negativos que dificultam ainda mais o processo de amamentação; o mesmo identificou em sua pesquisa sentimentos como tristeza, insegurança, impotência/incapacidade e até mesmo a sensação de culpa produzida pela interdição iminente de amamentar o bebê. Os dados obtidos na pesquisa do autor corroboram as informações colhidas neste estudo.

Acompanhamento psicológico e suporte familiar



Neste estudo, 85,9% das entrevistadas não realizam acompanhamento psicológico, destas, 19,4% gostariam de realizar psicoterapia. Todas as entrevistadas que realizam acompanhamento (14,1%) relatam que sentem-se muito melhor após as escutas, o que é fator benéfico para produção do leite. Elas relatam que a partir do momento em que recebem apoio dos profissionais de saúde e dos familiares, há diminuição significativa do estresse e da angústia que possam estar experimentando, conseqüentemente, a maioria destas consegue iniciar o aleitamento materno. Este fato corrobora com os achados da literatura. NEVES, MARIN (2013) testemunham que o bem estar psíquico é fundamental para a produção adequada de leite e sucesso da amamentação. AMANDO, et al (2016) declaram que “O processo de amamentação durante o internamento exige muita dedicação materna, apoio familiar e, sobretudo, o olhar aguçado e atento dos profissionais de saúde.” BISPO (2010) anuncia que todos os profissionais da área da saúde devem entender que a amamentação vai mais além de um processo biológico; ela é composta por fatores emocionais, psíquicos e subjetivos, estes fatores devem ser levados em consideração e devem ser analisados cuidadosamente, visto que mulheres interditas à amamentação podem ser acometidas por intenso sofrimento psicológico. Ademais, os profissionais que compreendem bem os aspectos que constituem o aleitamento materno, podem ajudar estas mulheres a dar um novo sentido a esta impossibilidade através de modos de manter o vínculo, o afeto, a atenção o olhar que há entre o binômio mãe-filho. Winnicott, (1968/2006) acredita que há outros métodos de contato físico que podem fortalecer a relação mãe-filho, ou seja, em teor psíquico, afagar e manusear o bebê, seria tão importante quanto a amamentação propriamente dita.

Respaldados na psicanálise, Winnicott, (1968/2006); Levin, (2005); Queiroz, (2005) enfatizam a importância de, sem diminuir a importância da amamentação, compreender que nem toda mãe poderá amamentar, principalmente quando há condições especiais de saúde da mulher ou

do bebê. Deve ser reforçada para esta puérpera a ideia de que ela não deixará de ser uma mãe zelosa e nem haverá consequências irreparáveis ao seu filho porque não pôde amamentá-lo.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa, realizada no Banco de Leite Humano Dr. Virgílio Brasileiro, localizado no Instituto Saúde Elpídio de Almeida (ISEA) em Campina Grande-PB, no período de dezembro de 2017 a 17 de maio de 2018 contou com uma amostra formada por 78 puérperas com filhos na condição de receptores de leite humano. Os dados colhidos através da pesquisa, nos permite o conhecimento de como a interdição à amamentação impacta o psíquico das mães e o potencial dano que esta impossibilidade pode trazer a vida da mulher e da criança. Espera-se que as informações obtidas neste estudo possam auxiliar no despertar de órgãos competentes, profissionais de saúde, familiares e sociedade para desenvolvimento de cuidados e suporte sustentado da saúde mental das mulheres que, por algum motivo, não podem amamentar seus filhos, bem como diminuição da cobrança da amamentação como sinal de que apenas a mulher que amamenta desempenha o papel de mãe-perfeita, visto que, quando o ato de amamentar não é possível, esta mãe vai experimentar frustração e sensação de impotência em relação ao cuidado para com o seu filho. Portanto, tomando as medidas supracitadas, acredita-se que haverá diminuição da incidência de sentimentos negativos e desdobramento de depressão pós parto. Esta pesquisa é fruto de um projeto vinculado ao Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC) por meio do edital PROPEX 09/2017 PIBIC-PIVIC/CNPq- UFCG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J.A.G.; NOVAK, F.R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.5, p. 119-125, 2004
- AMANDO, Alexandra Rodrigues et al. Percepção de mães sobre o processo de amamentação de recém-nascidos prematuros na unidade neonatal. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 4, 2016.
- ANTUNES, L.S. et al. Amamentação natural como fonte de prevenção em saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 103-109, fev. 2008. DOI: 10.1590/S1413-81232008000100015
- BISPO, T.M.S; BISPO, M.R.G. Os aspectos psicológicos da interdição à amamentação, Disponível em: <www.psicologia.com.pt> Acesso em: 18 maio de 2018.
- DE SÁ VIEIRA ABUCHAIM, Erika et al. Depressão pós-parto e autoeficácia materna para amamentar: prevalência e associação. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 29, n. 6, 2016.
- PAIVA S. de S.; GALVÃO, M.T.G. Sentimentos diante da não amamentação de gestantes e puérperas soropositivas para HIV. **Revista Texto e Contexto de Enfermagem**, Florianópolis, v.13, n.3, p. 414-9, Jul-Set, 2004.
- NEVES, C. V; MARIN, A. H. A impossibilidade de amamentar em diferentes contextos. **Barbarói**, n. 38, p. 198-214, 2013
- WINNICOTT, D. (1967). La familia y el desarrollo del individuo. Buenos Aires: Paidós.
- WINNICOTT, D. W. (1977). Alimentação do Bebê. Em **A criança e o seu mundo** (4ª ed., pp. 31-36). Rio de Janeiro: Zahar.(Originalmente publicado em 1945a)
- WINNICOTT, D. W. (1977). O Desmame. Em **A criança e o seu mundo** (4ª ed., pp. 89-94). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1945b)
- WINNICOTT., D.W. (2006). A amamentação como forma de comunicação (J. L. Camargo, Trad.) **Em Os bebês e suas mães**. (pp. 19-27) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1968)